O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1089

30 de Março de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Concurso para o Monumento da Guerra Peninsular

Projéto dos srs. José e Francisco de Oliveira Ferreira, classificado pelo Juri com o primeiro premio

(Clichés Benoliel)

Chronica Occidental

Os ultimos acontecimentos do Parlamento, tanto na camara baixa como na alta, põe nos espiritos desapaixonados, alheios a influencias e simpathias partidarias, este ponto de interrogação: quaes são os estadistas com quem, neste momento, se póde contar em Portugal?

E, logo atrás deste, presos a este, como que a formar-lhe um rabo de papagaio de deitar ao vento, muitos outros pontinhos de interrogação vêm de enfiada:

Será o sr. Julio de Vilhena?

Será o sr. Alpoim?

Será o sr. Bernardino Machado?

Ou será ainda, e sómente, o sr. Campos Henriques, solidario com o sr. Espregueira?

Vamos nós a vêr se nos será possivel, pelo menos, fazer uma ideia do que seja — um estadista.

Não está sempre um bom politico num distincto sociologista. Os povos, de vontade tenaz, desenvolvem as suas actividades civicas de modo a apparecerem nelles estadistas dirigentes d'uma intensa execução administrativa.

O homem d'Estado é, depois de tenaz, o homem de coração que ama o seu povo, que o conhece nas suas tendencias e no seu passado historico, que se levanta prestigioso e forte, imperterrito na onda da opinião, que não despreza mas que conduz, modifica, retrae, alenta ou acelera, serena e severamente, com um superior criterio responsavel pelo lance final e solutivo.

Este homem que se cria, aperfeiçôa e enkista num meio digno n'elle, d'onde recebeu alentos, d'onde hauriu os antecedentes ethnicos, d'onde aproveitou a marcha historica e todas as condições de genese politica, este homem não é doutrinariamente um simples idealista; concebe a realidade das coisas, experimenta prudentemente e acolhe as verificações da historia, conduz d'um modo bem pratico o povo que o enalteceu, mas que elle glorifica, levando-o á consagração dos vencedores pelo trabalho que na Historia fazem a hegemonia da civilisação dirigente.

O homem d'Estado respeita as tendencias moraes, administrativas, economicas, juridicas e politicas do seu tempo, não pretende realisar ideaes

d'uma ficção imaginosa, não adopta civilisações estranhas, que pódem ser antagonicas á do seu povo, mas, conhecendo todos os factos que convulsionam e impulsionam as civilisações estranhas e os modos de ser vitaes de estranhos povos, medindo o alcance das locubrações dos sabios que no campo theorico vão vanguardeando como pharoes de intensa luz a marcha regular da evolução humana, desenvolve lenta e astutamente os factores psycologicos que fazem a grandeza d'um povo na esfera scientificamente calculavel do determinismo das coisas. E assim, é que levanta o sentimento da liberdade e da egualdade, desenvolvendo uma civilisação consciente, cristalisando em dignidade humana as fantasias do romantismo politico. Faz de cada cidadão um productor livre, garantindo-lhe pelos merecimentos ascensões indefinidas, e assim cria e enraiza o sentimento da nacionalidade — uma unificação de homogeneidades concorrentes, fortes de cooperação calculada.

Mas a altura da civilisação, que já agora une os povos, não permitte mais que uma internacionalidade generosa. Um povo que se isola é um povo que morre. A diplomacia moderna deve procurar, longe da força canhoneante de poderosos vasos de guerra, a internacionalisação economica e commercial, discutida serenamente em congressos dignos da civilisação contemporanea.

Complexa é pois a missão do homem d'Estado moderno, emquanto aproveita e conduz a actividade do seu povo. Deve elle prover a conservação da pureza da raça, visto serem a população e o territorio os fundamentaes elementos organicos d'um estado forte; deve por selecção fazer perder os defeitos ao seu povo.

E assim é que deve promover-se o augmento da população trabalhadora, a fixidez criteriosa da opinião publica, que nos estados modernos representa um valoroso elemento do poder politico. A educação moral, esthetica e intelectual concorre nos paizes cultos para a elevação do poder do governo, porque são meios de que o estado se serve para o seu engrandecimento.

E' certo que paralelamente a estas forças aparecem perturbações ingenitas. O principio da associação, que tanto vivifica e engrandece os estados e que é uma hipervitalisação da sociabilidade, que é o meio por que a opinião publica se fixa e dinamisa, que é a força conjugada de elementos dispersos, tambem, fóra das vistas prudentes do estado géra as agitações tão faceis para os povos como é o nosso, frementes, inconscientes e ruinosas.

O estado moderno, entidade social organica e juridica da nação, tem em cada cidadão um representante molecular da sua vitalidade, com educação adaptada, de modo a ser um elemento que concorre dinamicamente na resultante de forças nacionaes do estado.

Se o individuo que se «confirma» em cidadão é um inconsciente perante o suffragio, sem dignidade e educação civica, ou se tem um valor estatico constitucional inferior á categoria dinamica da sua força civica juridica, — a representação nacional legislativa não reflecte de nenhum modo as forças da nação, antes fica dependente da aventura das facções, da intriga, do suborno, das promessas com sacrificio publico para beneficiação dos vendidos que esgotam o tesouro publico, elles que bem mereciam a execração civica por uma espiação cruel.

Perante a sciencia, a liberdade consiste no livre exercicio das faculdades creadoras e produtoras, na mais ampla acepção humana do termo; a egualdade está na garantia institucional de egual proteção e eguaes valores.

Um povo nacionalisado, constituido em estado, com riqueza industrialmente creada, distribuida e consumida, com moralidade religiosa e civica e tradicionalidade assente, tem na literatura, nas sciencias, no teatro, nas bellas-artes, os elementos impulsionadores que o elevam na concorrencia internacional a uma função potencial digna de respeito no convivio dos povos.

Porque só assim o povo fixará um ideal de constituição para onde tendam todos os seus esforços, democratisando-se pela compreensão humana da vida e transformando as viciações ou anachronismos em florescentes instituições de prosperi 'ade, onde o concurso de todos é aberto aos mais dignos, que são os que mais merecem da patria.

Para quem vae fixando o andamento das coisas publicas no nosso paiz, fica o convencimento de que Portugal atravessa uma tremenda crise.

A grande verdade é que não se destaca um homem de grande e incontestavel valor nesta ruina que a todos espanta, não se vê um esteio para o merito, onde quer que radicalmente esteja, e vão-se afundando miseravelmente, uma a uma, todas as esperançosas capacidades da nossa terra.

As massas estão em confusão; não ha homogeneidade de pensamento, nem se estabelece uma corrente séria e constante de calculado pensamento nacional.

Os homens de estado trabalham no vacuo, sobre uma massa informe que é impossivel conduzir; os especuladores convulsionam tumultuariamente este paiz de resignação humilima, onde vegeta uma grande população ignorante e indiferente que paga pelo receio, que tudo ignora e que foge: ou foge da patria onde não tem interesses nem dedicações, ou a serve sufragando á urna, cuja significação politica não mede, este ou aquelle candidato que nem de nome conhece, e a respeito do qual tanto se lhe dá que seja um imbecil, como um criminoso, um cinico, ou simplesmente um parlapatão...

João Prudencio.

Centenario da Guerra Peninsular

O concurso para o monumento

Foi uma bela afirmação da vitalidade da Arte em nosso país, o concurso para o monumento comemorativo da guerra peninsular, que a comissão executiva do centenario abriu ha poucos mezes, convidando os artistas nacionaes a concorrerem.

Se houvesse duvidas de que a esculptura é uma das manifestações da arte, que em todos os tempos, mais e melhor se tem revelado em nosso país, mostrando uma pronunciada tendencia de raça, o concurso agora realisado seria uma prova brilhante de quantos talentos se dedicam á sublime arte de Miguel Angelo, des 'e Machado de Castro o autor do monumento de D. José I, e que enriqueceu com belas obras a esculptura portuguêsa do seculo XVIII, até esse genial Soares dos Reis, atormentado de desalentos que prematuramente o atiraram para o tumulo, na florescencia da vida, com enorme perda da arte nacional.

E quantos mais não tem honrado a esculptura em Portugal como verdadeiros mestres, cujas obras se admiram bem publicamente em monumentos por essas praças, em Lisboa e no Porto!

Mas os mestres consagrados abrem agora caminho aos novos, e no concurso de que estamos tratando, alguns se apresentam como outras tantas promessas bem fundadas, de que a esculptura não perde suas tradições entre nós e antes cada vez mais se vae avigoran lo.

A este concurso apresentaram-se quatorse concorrentes com outros tantos projétos. Nos grandes centros de arte estrangeiros, não se apresentariam muitos mais em que houvesse tanto que apreciar e digno de se ocupar delles a critica.

O jury incumbido de classificar aquelles projétos, constituiu-se sob a presidencia do sr. coronel Maximiliano de Azevedo, no impedimento do sr. general Rodrigues da Costa, presidente da comissão, com os professores da Academia de Belas Artes srs. José Luiz Monteiro, José Alexandre Soares, arquitetos, José Veloso Salgado, pintor e do esculptor sr. José Moreira Rato.

O jury classificou em primeiro logar o projéto que se apresentava sob a divisa *Aspirantes portuguêses*, e que depois se soube ser dos srs. José de Oliveira Ferreira, esculptor, e Francisco de Oliveira Ferreira, arquiteto, ambos discipulos da Escola de Belas Artes do Porto. Em segundo logar foi classificado o projéto sob a divisa *Ditosa patria que taes filhos teve*, do arquiteto sr. Ventura Terra. Em terceiro logar, o projéto *Pró Patria*, dos srs. José Simões de Almeida (sobrinho), esculptor e Costa Campos, arquiteto.

Aos autores do projéto primeiro classificado é conferido como premio a adjudicação da construção do monumento. O segundo premio é um conto de réis e o terceiro seis centos mil réis.

Além destês premios, o jury conferiu ainda cinco menções honrosas aos autores dos projétos designados pelas seguintes divisas: *Não conhece algemas a vontade*, do esculptor sr. Francisco Germano Salles; *Guerra Peninsular* do esculptor sr. José Simões de Almeida, (sobrinho) e arquiteto Costa Campos — estes artistas apresentaram dois projétos; *Patria*, do arquiteto Alvaro Machado; *Oiluj*, do esculptor Antonio Augusto Costa Motta; e *Lusiadas*, do esculptor Thomaz Costa.

Os restantes seis projétos não chegaram a ser classificados pelo jury, que nem abriu as respetivas propostas.

Entretanto num concurso menos numeroso poderiam ter sido classificados, porque a verdade é que todos os concorrentes procuraram corresponder á grandiosidade do facto historico que se pretende comemorar, cada qual conforme os proprios recursos.

O que ha a reconhecer é que este concurso afirmou brilhantemente a vitalidade de nossos artistas e o talento de muitos delles.

Na impossibilidade de fazer minuciosa discrição de todos os projetos, o que nos ocuparia espaço de que não podemos dispor, limitamo-nos a descrever o projeto premiado, que de resto consubstancía em si o assunto, aliaz o mesmo de quasi todos os outros projetos, melhor ou peior interpretado, tratando se, é claro, só da ideia esboçada, pois quanto á execução só depois de realisada se póde apreciar.

O projeto premiado parece efetivamente aquelle que melhor poderá realisar o pensamento da comemoração da Guerra Peninsular, que foi uma luta gigantea de um povo pequeno e quasi desamparado, a bater-se contra o exercito vencedor do grande Napoleão, levando-o em fim de vencida e ferindo a altiva aguia que adejava arrogante no ceu da nossa patria.

Não ha duvida que a aguia lá se ergue por sobre o castelo monumental, que simbolisa a patria portuguêsa, revestindo suas ameias com os escudos das principaes cidades e distintivos da monarquia, o que tudo o povo defende na ancia de um grande amor patrio. O mar, teatro de tantas glorias portuguêsas, vem quebrar suas vagas ao sopé das muralhas; esboçam se algumas ruinas resultantes da guerra. Assim se forma a base e pedestal do monumento e sobre isto se movimentam grupos de figuras de uma vida e espressão sugestiva extraordinaria. Aqui o povo guarda e defende as reliquias da patria, em precioso cofre de que o castelo é depositario, e logo se desenvolve um grupo de combatentes, militares e paisanos, que se auxiliam esforçadamente, arrancando a artilharia, animados pelas falas do comandante que os incita ao combate. Os quadros vão-se desenrolando pelas faces do monumento, e agora é um leão, simbolo da força, que domina o terreno sobre que jazem destroços da guerra. Seguindo encontra-se um grupo comovedor de uma rapariga que se ajoelha aos pés de um velho, que será seu pae, e assim lamentam a desgraça da sua terra assolada, as casas derruidas e saqueadas, onde não escapou o ermiterio da aldeia, emquanto pelo chão, cadaveres estendidos, mostram a grande luta que ali se travou.

O Esculptor José de Oliveira Ferreira

Na parte superior do monumento, um grupo bem combinado de militares e paisanos forma a alegoria triunfal das campanhas peninsulares, em que, arrancando das garras da aguia francêsa, que esvoassa ferida, a bandeira nacional, a entrega á Patria vitoriosa que a recebe na mão esquerda emquanto na direita empunha a espada que ergue triunfante.

Tal é a concepção arrojada dos autores deste projeto, dois novos estudantes, irmãos, ainda completando seus estudos no estrangeiro, depois de terem concluido brilhantemente os seus cursos na Escola de Bellas Artes do Porto. José de Oliveira Ferreira é o esculptor discipulo de Teixeira Lopes, cujas provas finaes do seu curso foram uma promessa brilhante a que o Occidente se referiu em o n.º 977 do anno de 1906. Essa promessa, como se vê, vae-se realisando, e demonstra quão proveitosa é a orientação que Teixeira Lopes tem dado á sua escola, ao que por mais de uma vez aqui temos aludido.

Francisco de Oliveira Ferreira, o arquiteto, é,

como dissemos, outro discipulo da Escola do Porto onde foi estudante laureado e que de forma bem lisongeira vem agora afirmar seu merecimento no projeto em questão.

No meio de tantos desalentos que estão afligindo esta patria gloriosa, consola e, ainda mais, alenta, um concurso tão brilhante como o que se realisou agora.

O Arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira

O complemento deste concurso é a execução do projeto, da maior responsabilidade, para exprimir toda a intenção das inumeras figuras, que na *maquete* é extraordinaria.

Se os autores realisarem essa execução com o talento com que esboçaram o projeto, podemos afirmar que o monumento comemorativo da Guerra Peninsular será o monumento por excelencia da arte portuguêsa, como da arte de todos os paises onde ella é mais opulenta, e que dará honra a Portugal.

Desde já faremos uma observação que nos parece ter passado despercebi a aos autores e é sobre a altura do monumento, que a nosso vêr, achamos um tanto baixo, o que prejudicará as proporções e elegancia da forma geral. Uma pequena diferença para mais na base e no pedestal deverá fazer-lhe muito bem, ficando ainda acessivel á observação do publico em todas as suas bélas linhas.

A adjudicação da construção do monumento como primeiro premio conferido, afigura-se-nos que, aparte a gloria, será um sacrificio para os premiados desde qne se saiba que a verba para essa construcção é apenas de cincoenta contos.

Não sabemos como tal maravilha se poderá realisar, ainda que para isso os autores sejam de uma abstinencia pastoril, mas dentro da boa razão e da justiça é de esperar que tudo se resolva pelo melhor.

A grande dificuldade era a concepção do monumento á altura do facto que elle comemora, e se a execução corresponder, o resto pouco vale.

A exposição dos projetos, na Sociedade de Geografia, tem sido muito visitada do publico, de todas as classes e com desusado interesse.

C. A.

Exposições de aves

Em Portugal houve sempre gosto pelas aves exoticas, principalmente desde o seculo XVI, em que os navegadores portuguêses se foram por esses mares fóra em busca de novas terras, e da India como da America e de Africa trouxeram para a metropole as primeiras aves emplumadas de lindas côres, e canto, que fizeram a admiração de nossos avós, principiando pelo papagaio palrador, a arara de vario colorido, o pavão ornamental, o faisão dourado e toda a variada coleção de passaros multicôres de delicadas fórmas e esquisitos gorgeios, o que tudo eram revelações sedutoras daquelles países misteriosos, assumindo as proporções do maravilhoso tão de molde á imaginação peninsular.

Desde então não houve marinheiro que voltasse daquellas terras, que não trouxesse para a familia, para os amigos, ou para a namorada, um papagaio, um piriquito, uma arara, como o presente mais estimado e apetecido para o encanto dos olhos que se regalavam com as côres vivas, brilhantes, da plumagem das exquisitas aves.

O papagaio, sobre tudo, popularisou se, e até hoje não perdeu nada do seu dominio, propagando-se numa serie de tagarellas muito mais faladores que a pintarolada ave.

Mas se entre o povo se popularisaram certas aves exoticas, os nobres e ricos tambem lhe renderam culto, e D. João V, com todo o seu amor do fausto, foi dos que reuniu maior numero dessas aves, chegando a ter preciosas coleções, em magnificos aviarios na sua quinta de Belem.

Mais modernamente, ainda se podiam vêr aves das mais raras, nos aviarios do conde de Farrobo na quinta das Laranjeiras, e nos ultimos tempos quem mais cultivou esta especie de aclimação foi o medico oculista dr. Van der Laan, em Lisboa e Arthur Pinto Basto, no Porto.

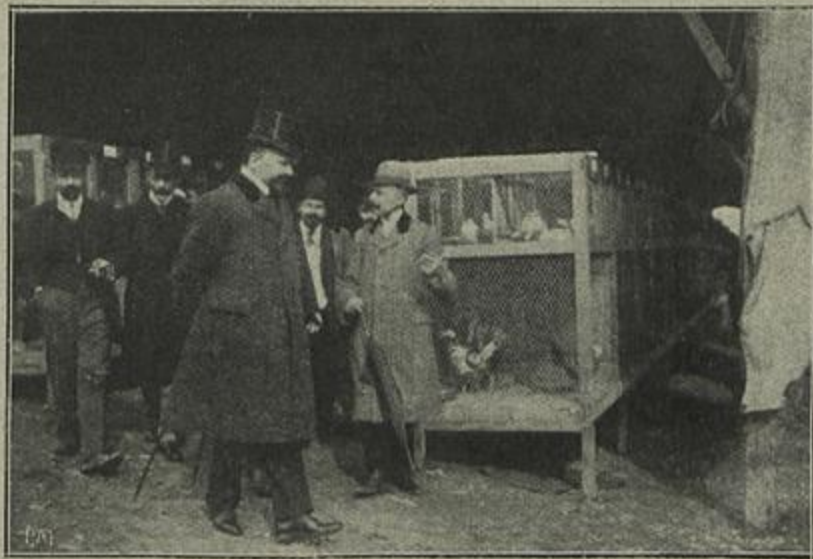
Entretanto sobre o ponto de vista cientifico e utilitario, pouco se tem feito entre nós com respeito ás aves exoticas e indigenas, não obstante poderem constituir mais alguma coisa que o simples recreio, ou o aproveitamento rudimentar na alimentação, cujo comercio bem poderia desenvolver-se entre entre nós, como de tantas outras cousas tão mal exploradas.

Ha dois annos, porém, iniciou se um certo movimento no sentido de desenvolver e aperfeiçoar a criação de aves indigenas e algumas exoticas e que neste periodo, relativamente curto, tem tomado apreciavel incremento, por meio de concursos em exposições, de que o Occidente se ocupou no seu volume de 1907.

Hoje tem que registar tres exposições deste genero, sendo uma denominada Exposição Internacional de Avicultura, outra Exposição Nacional de Aves e a terceira, Exposição Hypolito José Lopes.

A primeira destas exposições foi inaugurada no dia 18 do corrente no Parque Eduardo VII, com a assistencia do sr. conselheiro D. Luiz de Castro, ministro das obras publicas, que lhe fez uma visita demorada acompanhado da comissão promotora do certamen.

No mesmo dia da inauguração reuniu o jury das secções de galinaceos e columbideos, o qual conferiu premios de medalhas de ouro, de prata, de cobre e menções honrosas.

A segunda exposição foi inaugurada no mesmo dia no Parque das Larangeiras, promovida pelo sr. Cirillo Junior um entusiasta avicultor, muito conhecido.

O sr. Conselheiro D. Luiz de Castro, ministro das obras publicas visitando a exposição

A terceira exposição abriu-a ao publico, no parque de sua casa da Travessa dos Lagares, 9, o sr. Hypolito José Lopes, que se dedica ao apuramento de raças de pombos, sendo verdadeiramente notavel a variedade que apresenta como não se encontra facilmente, pondo os seus pombos em competencia com outros eguaes ou superiores que lhe apresentem, aos quaes inclusivamente dará valiosos premios. Expõe tambem algumas raças apuradas de galinaceos muito de apreciar.

Estas exposições teem sido muito visitadas pelo publico, o que certamente concorrerá para desenvolver o gosto por esta industria, que, como dissémos, muito tem a explorar.

OPERAS NOVAS

«La Borghesina» de Augusto Machado

Cantou-se no theatro de S. Carlos com geral agrado, mais um trabalho musical do nosso illustre compositor e abalisado professor do Conservatorio o sr. Augusto Machado.

No nosso acanhado meio musical, o compositor lucta com infinitas difficuldades, já pela indifferença a tudo que é portuguez, já pela difficuldade que sempre ha em collocar as suas obras, principalmente quando estas possuem um certo vulto, necessitando de serem executadas no nosso primeiro theatro lyrico! Felizmente os ares parece que vão tomando um rumo mais favoravel, e assim em uma só época já temos duas operas portuguezas: o *Amor de Perdição* de João Arroyo e ha dias a primeira da *Borghesina* de Augusto Machado.

E' bem conhecido o nome d'este nosso distincto compositor; profundo conhecedor da Arte que cultiva, conhece os mais reconditos segredos da orchestração, sabendo seguir a constante evolução da musica moderna. Não só na *opera lyrica* propriamente dita, mas tambem no genero *operetà* e trabalhos *symphonicos* Augusto Machado tem se revelado um fino compositor, cuja inspiração sempre facil e espontanea, é sempre conduzida pela combinação dos timbres de uma forma admiravel, em que os diversos instrumentos se ligam intimamente com uma arte pura e verdadeiramente ideal!

As suas operas cantadas em S. Carlos: *Laureana, Dorias* e *Mario Wetter*, attestam sempre uma forma muito caracteristica de instrumentação, principalmente o *Mario Wetter* e agora a sua *Borghesina* em que a orchestra acompanha cheia de singeleza o drama que se desenrola perante o espectador.

Augusto Machado inspirou se para a sua opera na obra de Soulié, *Lion amoureux*, e assim Golisciani fez um libretto bastante interessante; pena foi que a *misse-en-scene* fosse tão descuidada, apparecendo estylos de todas as épocas!! Mas, em S. Carlos, é esto, materia corrente...

Posto isto, falaremos do entrecho:

Quadro I Sala do restaurante do *Cadranbleu* (Faurbourg Saint-Martin, Paris). Celebram-se as bodas de Prospero Gobillou com Germana, irmã de Lisa, filhas ambas do plumaceiro Laloine. O banquete está a terminar· Prospero aguarda a sua testemunha, o marquez de Sterny, que prometteu assistir ao jantar. Tirlot, pretendente de Lisa, censura o orgulho do marquez, e Lisa está convencida que elle faltará á promessa, quando o marquez lhe dá o desmentido, apparecendo. Acolhido festivamente, vae sentar-se junto de Lisa a descontento de Tirlot. Surge uma turba de aprendizes de Laloine munidos de *mirlitons*, entoando uma canção madrigalesca em honra dos noivos. Sterny dirige galanteios a Lisa, que esta não toma a serio, rindo-se do que elle lhe diz; Laloine reprehende-a, pede ao marquez que a desculpe; Lisa, apesar dos seus 20 annos, é sempre uma creança cheia de mimo. O marquez responde a Laloine que de modo algum ficou offendido, e continúa a dirigir galanteios a Lisa. Os convidados commentam malevolamente o dialogo dos dois. Tirlot está contrariado. Os convidados (homens) troçam, bebem sempre e entornam o vinho sobre Tirlot. Este diz-lhes que sejam mais cautelosos. Depois pede para fazer um brinde; os convidados ouvem o brinde ridiculo de Tirlot e applaudem-n'o exaggeradamente.

O marquez pede a Lisa que annuncie tambem um brinde que elle deseja fazer. O marquez entôa o brinde, que allude mais a Lisa que aos heroes da festa. Todos applaudem o marquez. De-

Concurso para o Monumento da Guerra Peninsular

Projéto de Ventura Terra, 2.º premio — Projéto de José Simões d'Almeida (sobrinho) e Costa Campos, 3.º premio

pois saem os convidados para a sala do baile, deixando sós o marquez e Lisa. Esta agradece ao marquez a amabilidade do seu brinde e mostra a divisa de um medalhão que traz comsigo, reliquia de sua defunta mãe: «Querer é poder». Sterny sente-se encantado com a ingenuidade de Lisa e pergunta-lhe quem é o preferido do seu coração. Lisa responde que tudo se póde quando se quer... menos ser-se amada. Irrompem todos os convidados da boda, prestes para a contradança, cuja musica banal começa a ouvir-se no piano. O marquez offerece o braço a Lisa, para dançarem juntos a contradança, ficando Tirlot contrariadissimo.

Quadro II. — A sala asul nos aposentos do marquez de Sterny. Tudo ali revela um homem opulento e de fino gosto. Uma turba de *muscadins* e damas galantes pergunta pelo marquez a um creado, que lhes diz que o marquez está ausente. Não acreditam. Fazem maliciosas observações sobre o seu retrahimento, que uns attribuem a uma paixão sentimental pela burguezinha de Faubourg Saint-Martin, outros a amores com a *demi-mondaine* Flamina, retrato vivo da burguezinha. Entra o marquez, que fica surprehendido de ver os seus amigos; estes convidam-no para uma passeata no dia seguinte a Saint-Germain. Ha uma aposta entre Amanda (uma das damas galantes) e Lingart (um dos *muscadins*), asseverando a primeira maliciosa-

Exposição das «Maquetes» do monumento, na Sala Portugal, da Sociedade de Geografia — *(Clichés Benoliel)*

Real Teatro de S. Carlos — A opera «Borghesina»

Maestro Leopoldo Mugnone, regente da opera «Borghesina» — Giuseppina Baldassarre, protogonista da opera «Borghesina»

O Maestro Augusto Machado autor da opera «Borghesina», em familia

mente que elle não acceitará o convite. Sterny diz-lhe, rindo, que elle perderá a aposta, e Amanda, ao despedir se do marquez, diz-lhe que se assim fôr, compensal-o-ha com o seu amor.

Saem todos, ficando só o marquez; chama o creado e recommenda-lhe que a ninguem recebe.

Contempla enlevado o medalhão, que Lisa deixou cair na sua carruagem, onde entrou por equivoco no dia das bodas de Germana. Lastima o seu viver de orgias, mostra os anceios por um amor puro e conclue que ama Lisa.

N'isto entra o creado, annunciando-lhe que, segundo as recommendações que lhe fizera, despediu uma visita. Quem era?... Prospero Gobillon. E o marquez, contrariado, ordena-lhe que lhe vá no encalço e o mande entrar. Prospero, hesitante, entra, cumprimenta o marquez e diz-lhe que vem fazer-lhe a devida visita de agradecimento. A's perguntas do marquez, denuncia que Germana e Lisa estão em baixo, na carruagem. Alvoroço do marquez que insta para que ellas subam. Elle proprio as vae buscar acompanhado de Prospero. Ouve-se fóra o toque de uma fanfarra regimental, ao som da qual entram os visitantes. O marquez offerece uma lembrança a cada um dos noivos, deixando a Lisa a escolha do objecto que preferir. Lisa, por modestia, lança as suas vistas sobre um leque muito singelo. Como Sterny hesita, ella suppõe que o leque á uma recordação de amor, e cae em deliquio. «Um symptoma da doença do coração que a mina!» explica Prospero. Ouvindo que o leque é para o marquez uma recordação saudosa de sua mãe, Lisa volta a si, denunciando na sua alegria, contra a propria vontade, o amor que lhe vae n'alma. Entra Tirlot, que vem buscar os noivos e Lisa para a projectada passeata a Saint-Germain. Lisa, para disfarçar a sua emoção, mostra-se enthusiasmada com o passeio e com a companhia de Tirlot. O marquez, despeitado, quer vingar-se da fingida indifferença de Lisa, restituindo o medalhão que achou e simulando não saber a quem pertence. Lisa sae dolorosamente ferida, na companhia dos seus. Sterny caindo em si, sente remorsos pela angustia que lhe causou.

Quadro III. — Encruzilhada na floresta Saint-Germain. Emquanto uns garotos jogam á cabra cega, Laloine, Germana e Prospero lançam em rosto a Tirlot ter espantado o cavallo em que ia Lisa, a qual se salvou graças á intervenção casual do marquez. Os dois desappareceram em seguida como uma setta. A familia anda á procura de Lisa e Trilot vocifera contra o marquez, que considera seu rival. Apparecem alguns guardas da floresta, a quem Laloine pergunta se deram fé de um cavalleiro e de uma senhora. Os guardas respondem que sim, indicando o sitio onde os viram. Os quatro affastam se. Pouco depois apparece Lisa, vestida de amazona, fugindo do marquez, receiosa de que a atraiçoe o proprio coração. Mas Sterny vem-lhe no encalço. Em phrase ardente declara-lhe a sua paixão. Lisa procura retrahir-se, medindo a distancia que socialmente os separa. Por fim, vencida, cae-lhe nos braços, no momento em que se approximam os *muscadins*, amigos do marquez, com as suas companheiras da vida airada.

Todos dirigem a Sterny insinuações ironicas, á vista de Lisa, que cahiu meia desfallecida sobre uma pedra. O marquez, furioso, dezafia Lingart. O grupo afasta-se, commentando malevolamente o procedimento do marquez. Uma trovoada, que se iniciou no principio do quadro, vae-se tornando mais intensa. O marquez ficando só com Lisa, procura reanimal-a. Lisa pede-lhe que siga os seus amigos. Sterny, ouvindo as vozes de Germana, Laloine, etc., que andam em busca de Lisa, afasta-se. Lisa desfallece de novo, murmurando: «Estava escripto... morrerei por elle». Apparecem em scena, precipitadamente, Germana, Laloine, Prospero e Tirlot, os quaes, vendo Lisa desfallecida, soltam um grito de terror, approximando-se d'ella com anciedade.

Quadro IV. — Baile de mascaras em casa do marquez. Começa a alvorecer. Grupos de mascaras tumultuando. Amanda, dialogando com Marinet, allude ao duello do marquez com Lingart, em que este ficou ferido. Diz que o marquez se consola dos desdens da burguezinha nos braços de Flaminia, o seu retrato vivo. Flamina surge com effeito, em costume de *Folia*, pelo braço do marquez, apresentando-se orgulhosamente como sua amante official. No momento em que o marquez, tentando distrahir-se de intimas preoccupações, manda cerrar as janellas para que o sol não perturbe a orgia, ouvem-se dobres funebres. Um creado introduz Prospero, vestido de luto: a pedido do marquez, as mascaras deixam-nos sós. Prospero narra a doença de Lisa, em seguida ao passeio a Saint-Germain, e sua rapida agonia, durante a qual ella lhe pediu para que o seu cadaver passasse por casa do marquez e que a este fosse entregue o medalhão. «Querer é poder», foram as suas derradeiras palavras, «excepto ser-se amada». Continuam os sinos a dobrar juntamente com vozes de fóra, que entoam o *De Profundis* e de quando em quando ouve-se simultaneamente, como em contraste, o motivo de uma valsa. Sterny chora no auge da dôr a pobre martyr e Prospero implora a Deus o perdão para elle.

A musica para um assumpto d'esta ordem necessita de traduzir todos os cambiantes do drama que é tão cheio de contrastes, e como já disse, Augusto Machado com uma orchestração bastante leve e delicada soube collorir aquelles quadros de aguarellas musicaes!

Os trechos que mais nos agradaram, foram o côro das *mirlitons*, o brinde de *Sterny*, o duetto entre *Sterny* e *Lisa*, o motivo da valsa de *Amanda*, o *quartetto*, habilmente feito, o duetto do 3.º acto e no ultimo quadro a fórma como a musica nos pinta o contraste da alegria e da dôr, paginas de musica escriptas com verdadeiro collorido e vigor!

O desempenho a cargo da sr.ª Baldassarre e Carpi, foi magnifico porque são dois artista de incontestavel merito.

Garavaglia foi uma *Amanda* correcta, assim como Maran, Rapizardi, Cannetti, etc.

O maestro Mugnone dirigiu a opera com interesse, demais sendo uma composição portugueza!

Augusto Machado teve muitas chamadas, assim como Baldassare e tenor Carpi.

Ao illustre compositor d'aqui lhe enviamos os nossos sinceros applausos.

Alfredo Pinto (Sacavem).

GUILHERME RODRIGUES

Guilherme Rodrigues é o nome de um escriptor contemporaneo, cheio de valor e de modestia, que ha muitos annos se tem dedicado a assumptos litterarios, e nos ultimos tempos especialmente aos estudos historicos.

Guilherme Rodrigues

Como poucos, é exclusivamente um escriptor, com todo o brio da sua nobre profissão. Os arrojados editores lisbonenses srs. João Romano Torres & C.ª recebem-lhe todo o trabalho ha bastantes annos, sendo numerosas as suas traducções, que a *Empresa do «Recreio»*, tem publicado desde que se fundou, em 1887.

No semanario de que aquella conceituada empresa tirou o titulo, estão insertos muitos artigos litterarios e historicos de Guilherme Rodrigues, que tornam devéras interessante e apreciada a collecção dos 25 volumes do *Recreio*.

Antes de se entregar por completo aos trabalhos litterarios de varia natureza, que constituem a sua bibliographia, já Guilherme Rodrigues prestava o valioso concurso d'uma actividade intelligente a iniciativas jornalisticas, que ainda existem. Na primitiva administração do *Diario de Noticias* lá vemos o seu nome, como tambem o encontramos depois na do *Diario Illustrado*.

Por esta epoca, um professor illustre, um eminente homem de sciencia, o chamou para seu escrevente. Secretario, deveriamos talvez dizer, se não fôra o receio de melindrar a modestia extreme de Guilherme Rodrigues.

Do trato com o conselheiro Antonio José Teixeira e com outros homens de letras, influentes na politica, que se reuniam na redacção da *Gazeta Commercial* o modesto escriptor logrou algumas vantagens litterarias, mas nenhuma material, porque a não solicitara. Collaborou n'aquelle periodico a par de nomes consagrados.

Guilherme Augusto Rodrigues conta hoje 68 annos de edade, pois nasceu em Lisboa a 23 de março de 1841. Comtudo, esta avançada edade não se presume bem da sua figura, e muito menos do seu genio. E' um caracter formosissimo, uma alma juvenil e grande n'uma estatura pequenina.

D'aqui resulta a perfeita alliança que existe entre Guilherme Rodrigues e os seus amigos, novos ou velhos. Folgamos de lhe prestar a presente homenagem no Occidente, auxiliados pelo venerando proprietario e fundador d'esta revista, que comnosco se associa gostosamente, estampando o retrato do escriptor, que tão bem merece a surpreza que lhe preparámos.

Guilherme Rodrigues tem publicado muitos artigos biographicos e historicos nos periodicos *O Despertador*, *O Archivo Litterario*, *A Aurora Litteraria*, *Album Litterario*, *Recreio*, *Gazeta Commercial*, *Correio de Cascaes*, etc. Traduziu os romances: *O cego da fonte de Santa Catharina*, *Piquillo Alliaga*, *Mil e uma noites*, *Trapeiro de Paris*, e outros. Para o theatro tem escripto varias peças que se representaram:

Na Rua dos Condes, a opereta, original, em tres actos com musica de Freitas Gazul, *Loucuras de Rapaz*; a comedia em um acto, traducção, *Contribuições indirectas*; a comedia em um acto, traducção, *Um beijo ao portador*. Nas Variedades a comedia em um acto, original, *Qual d'elles é meu filho?*; a comedia-drama, em dois actos, traducção, *Tempestade e bonança*, e a comedia em um acto, original, *Um retrato photographico*. Para theatros particulares traduziu as comedias em um acto: *A protegida sem o saber*; *Tal sogro, tal genro!* e *Sou genro do meu genro*.

Foi o autor predilecto do imitador Trindade, pois para elle escreveu expressamente as comedias: *Porteiro da casa n.º 15*, *Fernanda e Uma mulher no poder*, e as scenas comicas: *Viagem á roda do mundo em 80 dias* e *Cahiu o Carmo na Trindade*.

Por occasião do centenario antonino, em 1895, publicou um opusculo com o titulo: *Estudo biographico de Santo Antonio e historia dos seus milagres*.

Actualmente, Guilherme Rodrigues, de collaboração com o autor d'estas linhas, está escrevendo a sua melhor obra: o diccionario historico *Portugal*, importante publicação que já conta quatro grossos volumes de mais de mil paginas cada um.

Na camaradagem de alguns annos bem se nos teem patenteado todas as excellentes e apreciaveis qualidades de Guilherme Rodrigues, como homem e como escriptor. Dedicado em extremo á sua obra, é de vêr como n'ella emprega o dia e a noite, redigindo os artigos, extractando e cotejando os diversos auctores, apurando uma data ou um nome, tudo com uma paciencia e uma perseverança verdadeiramente benedictinas.

Guilherme Rodrigues é tão probo nos seus escriptos como honrado na sua vida.

Esteves Pereira.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVI

(Continuado do n.º 1086)

Nesta altura do arruamento que venho examinando existia, ahi por 1820 e tantos, uma fabrica italiana de pão, pertencente a um tal Domingos Binelli (1) e um pouco mais acima, tornejando para a travessa de Santa Quiteria, a casa, hoje forrada de azulejo, que foi propriedade e moradia

(1) *Gazeta de Lisboa* de 7-1-1829.

de um outro italiano que notavelmente se distinguiu em Portugal (1).

Refiro-me ao dr. Domingos Vamdelli, illustre medico paduano, que em 1772 passou ao nosso país a convite do marquês de Pombal, prestando aqui os mais valiosos serviços como professor e como naturalista, honrando a Universidade de Coimbra como seu pae, tambem lente, honrára a Universidade de Padua. Naquelle mesmo predio, depois de voltar do exilio, veio a falecer a 27 de junho de 1816 (2).

Mais adiante, tambem do lado esquerdo, com os antigos numeros de policia 142 a 143 ficava a casa apalaçada que foi do dezembargador Domingos de Gambôa e Liz, onde depois o marechal Saldanha teve instalado o seu quartel general.

A face quieta e socegada desse edificio nada nos diz do seu passado notavel. Os pateos, que outrora se pejavam de ordenanças e se animavam com as fardas agaloadas dos ajudantes de campo, n'um vae-vem constante de ordens e proclamações, perderam de todo o seu aspecto bélico e aburguezaram-se na mudez patriarcál de uma casa vulgar (3).

Quem viu ainda a animação do local n'aquelles agitados tempos, o tropiar de cavalos pela rua, o bulicio dos que entravam e saiam da residencia do prestigioso marechal, deve doer-se de saudades ao passar por ali.

Eu, curo simplesmente por informações. Nada disso é do meu tempo.

No topo da rua, fazendo esquina para a rua do Sol, está um prediosinho vulgar e acanhado, com um portal em tunel que vai dar a um jôgo de chinquilho. Pertenceu essa casa ao grande celebrão D. Braz da Silveira, filho natural da casa dos masquêses das Minas, que ahi morou com sua esposa, de nome D. Matilde a quem elle chamava poeticamente D. Matheia!

Meio idiota meio excentrico teve, por estes predicados, um logar bem merecido na galeria do falecido escriptor L. A. Palmeirim (4). Ahi se referem algumas das muitas celebridades do curioso fidalgo que se não pejava de arvorar em trolha, concertando o telhado da sua habitação, vestido de alferes da antiga brigada real de marinha e com um carapuço azul na cabeça que elle nimiamente prezava a ponto de a deixar cobrir com um chapeu armado de papel com que um dia se apresentou no paço a beijar a mão de el-rei.

Aqui morou tambem, ahi por 1760, o conde das Galveias n'uma casa de onde foi mandado sair, para o acomodar, o mestre de dança Candido José (5).

Virando para baixo e reparando nas casas que orlam a rua do lado esquerdo, é impossivel de extremar um edificio onde esteve instalado o seminario do Padre Antonio Luis de Carvalho.

Se não fôra a confusão produzida pela completa alteração da numeração das portas, facil seria o encontra-lo porque sei precisamente os antigos numeros: 185, 186 e 187.

Depois da deploravel reforma, tentar isso, a não ser auxiliado por alguma circumstancia ocasional, é perfeitamente inutil. A unica coisa que cheguei a concluir, é que o predio ficava ao principio da rua, entre a rua do Sol e a esquina da rua do Arco, mas sensivelmente mais chegado ao Rato. Não errarei talvez muito se calcular a sua situação no local da casa, rês do chão, do sr. Mayer ou entre ella e a outra, onde morou o falecido estadista Hintze Ribeiro. Ambas ellas assentam nos terrenos que foram dos morgados da Alagôa, onde tambem assentava a casa primitiva de que decerto nada resta actualmente.

O que era o seminario, quaes os seus fins e como se originou, é o que vamos apurar.

* * *

Era natural de Runa o padre Carvalho, fundador do seminario chamado dos Meninos Orfãos. Desde muito novo mostrára particular inclinação para o sacerdocio. Veio para Lisboa já ordenado e toda a sua actividade se convergia então na ideia de instituir um seminario para os meninos orfãos.

(1) Tinha os antigos numeros 142 a 143.

(2) Domingos Vandelli deixou um filho, de nome Alexandre Antonio Vandelli, que foi director dos estabelecimentos da Academia Real das Sciencias, Intendente das minas de metaes do reino e membro da comissão de reforma de pesos e medidas — Por motivos politicos emigrou para o Brasil, em 1834, e lá faleceu em 1859.

(3) E' a casa que actualmente tem os numeros.

(4) *Os Excentricos do meu tempo.*

(5) Livro 7.º de Avisos do Ministerio do Reino — Aviso de 6-1-1760.

Postas mãos á obra, e buscando o conselho e o auxilio de um clerigo ilustre, o padre Theodoro de Almeida, logo se impetrou a devida licença e foram sendo removidas, com uma grande força de vontade, todas as dificuldades que é costume aparecerem a quem se dedica a alguma empreza por muito bôa e util que seja.

Tudo se conseguiu. No dia 17 de janeiro de 1788 iniciou-se a fundação, com a entrada de três meninos para o oratorio modestissimo e o instituto principiou a funcionar sem mais rendimentos do que a fé do instituidor, em três moradas de casas alugadas ao morgado da Alagôa e mais tarde compradas ao mesmo pela Junta do Subsidio Literario.

Ali se educaram com aproveitamento muitos mancebos, que depois seguiram indiferentemente a carreira do comercio, do sacerdocio ou da melicia.

A bôa vontade e a persistencia fizeram milagres, chegando o seminario a sustentar e vestir 40 creanças, no que dispendia annualmente para cima de 6:000 cruzados, onde não se incluiam os donativos em generos, tudo sahido das esmolas angariadas pelo fundador. Elle mesmo n'uma «*Breve noticia da Ereção do Seminario de Caridade dos Meninos Orfãos, sito na rua de S. Bento da cidade de Lisboa*, incluida n'uma tradução da *Vida do glorioso Frei José de Calazans*, feita por elle, historia a creação do instituto, oferecendo aos leitores muitos dados sobre aquelle estabelecimento, regosijando-se intimamente do bom resultado dos seus esforços.

Quinze annos depois, isto é, em 1803, já ali se tinham instruido 82 orfãos, dos quaes 11 tinham entrado em diferentes ordens religiosas, ilustrando-se por sua sciencia e virtudes. No anno de 1814, já falecido o padre Antonio Luiz de Carvalho, estava o seminario a cargo de um tal Domingos Lopes Vassalo. Nesse mesmo anno solicitou elle superiormente que os mestres de latim e primeiras letras que lá prelecionavam, fossem igualados aos mestres regios da cidade em vencimentos, prerogativas e outras honras. Esta pretenção foi deferida pela Junta da Directoria Geral dos Estudos, com a clausula das aulas se tornarem francas e de deverem ficar taes disciplinas sob a sua inspecção, como se vê da consulta de 2-9-1814 e resolução regia de 9-1-1815.

Nesse tempo, porém, já o seminario começára a decair. Faltava-lhe o vigilante afecto do fundador que como cousa sua, que era, o criara ao bafo protector da sua solicitude.

Logo que os extranhos começaram a tomar conta da administração e a cuidarem mais do seu interesse proprio do que era mistér, as esmolas entraram de escassear, a pouco e pouco acabaram-se de todo e o seminario veiu a acabar ahi por 1820. (1)

* * *

Pegada ao edificio dos orfãos edificara-se tambem, com o auxilio de esmolas, e sob o influxo animador do padre Carvalho, uma ermida para as devoções dos internados, a quem foi dada a invocação de Nossa Senhora das Dores. Em 13 de agosto de 1790 concluia-se a edificação e realisou se solénemente a ceremonia da inauguração.

A imagem do menino Jesus, veiu transportada do convento das freiras do Rato por quatro meninos com opas roxas. Outros quatro estudantes com os seus roquêtes conduziam a de S. José e quatro eclesiasticos a de Nossa Senhora das Dores. Acompanhavam a procissão a irmandade de Nossa Senhora Mãe de Deus e Mãe dos Homens, de Valle do Pereiro, e o padre Egidio do seminario da Travessa de Santa Quiteria, seguido dos seus educandos, e ainda outras corporações religiosas.

(Continúa.) G. DE MATOS SEQUEIRA.

O MEZ METEREOLOGICO

Fevereiro 1909

Barometro. — Max. altura 772^{mm},6 em 3.
» Min. » 747^{mm},7 em 19.

A maxima barometrica é fraca. — A maior baixa foi de 18 para 19. — O barometro desce de 764^{mm},0 (em 17) até 747^{mm},7 na madrugada de 19, para, ás 9 horas da manhã do dia 20, subir de novo, a 765^{mm},7.

(1) *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, literarios e artisticos*, por J. S. Ribeiro. Vol. 2.º, pag. 128 a 131. Vol. 3.º, pag. 417 a 419.

Thermometro. — Max. altura 16º,6 em 24.
» Min. » 3º,1 em 28.

O mez foi, em geral, frio, principalmente os dois ultimos dias.

As temperaturas medias extremas foram: 12º,75 em 21 e 6º62 em 28.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 12 dias.
» Nublado 14 dias.
» Encoberto 2 dias.

Chuva. — 17^{mm},5 em 5 dias.

Nevoeiro — Em 17 e 20.

TEATRO D. AMELIA

Os Postiços

Já de ha muito se notava a ausencia de Eduardo Schwalbach no teatro e este sentia-se da falta do autor dos *Intimos* e da *Cruz da Esmola*, acaso as producções teatraes mais notaveis deste autor, aliaz com um vasto repertorio de outras comedias e revistas muito apreciadas pelo publico que o sagrou escritor dramatico de primeira ordem.

Sentia-se, não ha duvida, a ausencia de Schwalbach, que durante certo tempo animou o teatro português com os seus originaes, agora principalmente na decadencia em que o nosso teatro se encontra, com falta de boas peças.

O reaparecimento, pois, de um escritor tão original, como conhecedor do teatro, foi um acontecimento artistico da ultima semana, em que se representou no D. Amelia uma comedia original de Schwalbach intitulada *Os Postiços*.

E' uma comedia de critica aos que na socidade portuguêsa andam sepresentando aquillo que não são, dizendo o que não sentem e com estas artes arranjando a vida, satisfazendo suas ambições menos justas, emfim o que por ahi se está vendo e que Schwalbach desenrola em cinco actos, com seu toquesinho de drama a contrabalançar com tanta cena ridicula.

EDUARDO SCHWALBACH

Schwalbach tem um geito especial para urdir as télas dos seus quadros realistas, tão bem observados, que as personagens que nelles figuram, estamos a conhecel-as quando prepassam na cena, sem comtudo se poder afirmar que é este ou aquelle, tal a finura com que o autor os aproveita.

São copias do natural ajudadas pela arte do escritor para as reproduzir na cena ao alcance da melhor compreensão das plateas, e Schwalbach fal-o com tanta arte como originalidade, de modo que o publico vê sempre com prazer as suas obras.

Os Postiços é uma comedia muito movimentada, com muitas personagens tipicas bem achadas, com situações naturalmente deduzidas e quando uma ou outra é menos prevista, nem por isso se desequilibra, o que constitue o segredo do comediografo.

O desempenho por Angela Pinto e José Ricardo — especialmente contratados para esta peça — e pela companhia do D. Amelia, é completo tanto das primeiras partes como das restantes, que nenhum artista desmanchou o bello conjunto.

O publico tem acolhido com interesse este novo original português, e nós felicitamos Schwalbach por mais este triunfo, esperando que seja incentivo a que breve apresente novas producções de seu talento.

Teatro D. Amelia

OS POSTIÇOS — Uma cena do 4.º acto — Comedia de Eduardo Schwalback